

SOBRE A ORIGEM DO “MARXISMO” DE GRAMSCI¹

Michel Charzat

RESUMO: Este artigo defende a necessidade de fazer um retorno a Gramsci para sublinhar a importância intrínseca e a fecundidade da reflexão de Sorel sobre a obra de Marx. Isso porque, na França, o aporte original da contribuição de Sorel ao debate sobre o marxismo que se desenvolve na virada do século permaneceu desconhecido até esses últimos anos.

Palavras-chave: Antonio Gramsci; Georges Sorel; antirevisionismo.

Num ensaio intitulado *Il marxismo di Gramsci*,² o professor Nicola Badaloni se propõe remontar às origens do “marxismo de Gramsci”. Ele distingue três correntes originais (Antonio Labriola, Georges Sorel, Lenin) as quais o autor dos *Cadernos do Cárcere* teria conseguido operar a confluência, depois a fusão, elaborando assim “o mais eficaz instrumento antirevisionismo que o marxismo ocidental jamais tinha forjado.”

Desde os anos 60, um outro intelectual comunista italiano, Enzo Santarelli³, começava a recordar o interesse e a importância da crítica soreliana do marxismo, criticando as interpretações errôneas, então dominantes, de um sorelianismo inspirador do fascismo e, mais genericamente, de todo “extremismo.”⁴ Paolo Spriano deveria tomar emprestado o caminho aberto por Santarelli, caminho criado e, na sequência, aprofundado por numerosos universitários e teóricos transalpinos.

Na França, o aporte original da contribuição de Sorel ao debate sobre o marxismo que se desenvolve na virada do século permaneceu desconhecido até esses

¹ Traduzido de CHARZAT, Michel. A la source du "marxisme" de Gramsci. In *Les Cahiers de l'Herne: Georges Sorel*. Paris: Editions de l'Herne, 1986, p. 213-221., por Jair Pinheiro, professor do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Unesp/Marília. Todos os grifos são do original.

² Nicola Badaloni, *Il marxismo di Gramsci. Dal mito alla ricomposizione politica*, Einaudi, 1975.

³ Enzo Santarelli, “*la Revision del marxismo in Italia*”, *Studi de critica storica*, Feltrinelli, 1964.

⁴ Permito-me remeter à contribuição que publiquei a este respeito : Michel Charzat, « Georges Sorel et le fascisme. Éléments d'explication d'une legend tanace », *Cahiers Georges Sorel*, I, 1983, p. 37-51.

últimos anos⁵. Portanto, não é inútil fazer um retorno a Gramsci para sublinhar a importância intrínseca e a fecundidade da reflexão de Sorel sobre a obra de Marx.

A relação Sorel-Gramsci pode ser examinada a partir de uma dupla abordagem: genealógica e recorrente. Ela merece desenvolvimentos que podemos apenas sugerir neste texto.

A filiação Sorel-Gramsci

O destino italiano do sorelianismo foi, pode-se dizer, considerável. Estabelecamos, de imediato, que o termo “sorelianismo” não pode se aplicar ao pensamento de Sorel, por demais aberto e desordenado para ser objeto de uma interpretação unívoca. Por sorelianismo é preciso entender a recepção, no exterior, de algumas ideias-força de Sorel (pansindicalismo, reforma intelectual, mito e moral dos produtores, por exemplo).

Na Itália de antes de 1914, a obra de Sorel constitui uma referência cultural quase obrigatória. O intercâmbio antigo e detalhado que entretinha Sorel e os representantes da elite cultural do seu tempo (Croce, Labriola, Ferrero, Prezzolini, Gobetti...) criara, sem dúvida alguma, as condições favoráveis à recepção do pensamento de Sorel. As principais correntes da vida cultural italiana refletem, portanto, um “sorelianismo” particular: sindicalismo revolucionário, socialismo insurrecional, mas também neoliberalismo (Gobetti e Missiroli), depois nacionalismo (Corradini e Pannunzio), até mesmo futurismo (Prezzolini).

O marxismo teórico italiano foi marcado desde suas origens pelo diálogo com Sorel. Os primeiros passos tardios de um marxismo italiano foram, com efeito, realizados sob a égide da tríade Labriola- Sorel-Croce. A correspondência trocada por Sorel e Antonio Labriola constitui um testemunho capital da tentativa de eclosão – rapidamente frustrada – de um “marxismo latino⁶” preocupado em interpretar fielmente, isto é, livremente o ensinamento do Mestre.

Após sua ruptura com a ortodoxia marxista, os textos teóricos de Sorel consagrados ao materialismo histórico, na Itália, seguem seu próprio caminho, independentemente das teses prossindicalistas das *Réflexions*. Assim, várias obras

⁵ Cf. Shlomo Sand, *l'Illusion du politique. Georges Sorel et le débat intellectuel 1900*, Paris, La Découverte, 1985. Obra de referência que restitui importância e a originalidade da leitura da obra de Marx por Sorel, na virada do século.

⁶ Segundo a expressão de Labriola, que escreve a este respeito: “Eu recebia dele (Sorel) as cartas cheias de finas observações e notas interessantes.” *Socialisme et philosophie*, Paris, Giard et Brière, 1899. Trata-se da publicação de onze longas cartas endereçadas a Sorel por Labriola, de abril a setembro de 1897.

importantes de livre exegese marxista publicadas por Sorel na Itália jamais foram disponibilizadas em francês⁷.

A obra marxista de Sorel, na Itália, foi associada à reação ao economicismo primário de Loria, em seguida à polêmica revisionista contra a nova ortodoxia simbolizada por Turati. Os *Saggi* (1903), os *Insegnamenti* (1907), obras de reflexão teórica, mantêm uma forte presença de Sorel no marxismo italiano de antes da guerra. Elas fazem uma ponte entre a crítica labriolana e, em seguida, a gramsciana, do positivismo e prepara o último – e fecundo – ressurgimento de uma referência soreliana no movimento das ideias da Itália contemporânea.

A vitória dos bolcheviques foi sentida por muitos marxistas e sindicalistas transalpinos como uma “revolução contra *O Capital*” (Gramsci). Desde 1919, as manifestações antigradualistas e as atividades revolucionárias são rapidamente reativadas, no interior do PSI, pelos partidários da adesão à Internacional de Moscou.

De 1919 a 1921, os maximalistas liderados por Serrati, dominam o partido. Sua neutralidade durante a guerra, sua adesão sentimental à revolução russa os coloca à cabeça de uma organização que sonha, para além de seus desvios nacionalistas e reformistas, reatar com a pureza de um socialismo perdido. Para Serrati, o bolchevismo rompe com a concepção estabelecida do socialismo ortodoxo e constitui o triunfo da república dos soviets. “Confusão entre sindicalismo e socialismo, sorelianismo e marxismo” (Leone), o maximalismo favorece uma reaproximação com os revolucionários de inspiração pansindicalista. No congresso de Bolonha, o velho sindicalista Enrico Leone – há muito ligado a Sorel – é convidado a apresentar a posição do seu grupo. Também quando Sorel se dirige, em outubro de 1919, “a seus camaradas da Itália”, é aos maximalistas que ele dedica seu artigo, mas é Gramsci e seus camaradas que lhe respondem no *Ordine Nuovo*: “Recebo um pequeno folheto de Turim, *Ordine Nuovo*, bem mais interessante que a *Crítica Social*; é o representante de organizações completamente novas, formadas nas oficinas metalúrgicas. Creio que o *Carlino* faria bem falar desse movimento operário que pode ter grandes consequências.⁸”, escreve Sorel no mês de dezembro.

⁷ Notadamente, *Saggi di critica del marxismo*, Palermo, Sandron, 1903, e *Insegnamenti sociali dell'economia contemporanea*, Milan, 1907.

⁸ *Lettere a un amico d'Italia*, Bologna, 1963. *Le Carlino*, grande diário de Bolonha do qual Missiroli era redator-chefe e onde Sorel assinava uma coluna regular de comentários sobre a atualidade política européia. Artigos reeditados em 1974, em Roma, sob o título *Da Proudhon a Lenin. L'Europa sotto La tormenta*, Edizione di storia e Letteratura.

O entusiasmo do grupo de Turim pela eclosão dos conselhos de fábricas de 1919 a 1923 suscita uma reflexão renovada sobre o valor da iniciativa própria da classe operária. O radicalismo proletário, o culto à revolução russa dos ordinenuovistas é tomado do sindicalismo de ação direta.

O sorelianismo dos ordinenuovistas – e seus limites – ficou claramente estabelecido por Paolo Spriano. O grupo turimense se esforçou a partir de 1919 para adaptar à realidade local os ensinamentos da teoria revolucionária internacional: do sorelianismo ao leninismo, do sindicalismo “industrial” de De Leon ao anarquismo italiano.

Em sua crônica de 11 de outubro de 1919, Gramsci analisa a influência que exerce sobre ele o pensamento de Sorel: “No que ele escreveu de melhor, ele (Sorel) mostra que reuniu em si um pouco das virtudes de seus dois mestres: a lógica dura de Marx e a eloquência calorosa e plebeia de de Proudhon. (...) Ele não se fechou em nenhuma fórmula e, tendo conservado o que há de vital e novo em sua doutrina, isto é, esta exigência muito proclamada de que o movimento operário se exprima através de formas próprias e dê vida às suas próprias instituições, ele pode continuar hoje, não somente um olhar inteligente, mas também com um espírito pleno de compreensão, do esforço de realização empreendido pelos operários e camponeses russos. (...) Por isso, sua palavra não pode deixar indiferentes os operários turimenses, esses operários que tão bem compreenderam que as instituições proletárias devem ser “criação de um longo trabalho se se quiser evitar que a próxima revolução seja apenas uma colossal enganação””. Em setembro de 1920, no momento em que inicia uma reaproximação de Bordiga, Gramsci redige um importante texto programático (*O Partido Comunista*), que abre com um importante comentário das “intuições” de Sorel sobre a revolução, que “podem ser a origem de uma série de pesquisas históricas sobre os *germes* de uma civilização proletária.”

O quadro teórico no qual evolui todo o primeiro Gramsci é o da reação contra o positivismo, o cientificismo, no qual se encontra as influências cruzadas de Croce, de Gentile, de Bergson, de Prezzolini e de Sorel. Influência bergsoniana particularmente presente nos *Scritti giovanili*, se conjugando com o sindicalismo teórico que marcou a geração dos jovens socialistas dos anos 10.

Com o período ordinenuovista, Gramsci retém particularmente do autor *L'Avenir socialiste des syndicats* sua problemática da ruptura fundada no autodesenvolvimento proletário, a desconfiança a respeito dos intelectuais externos à

classe operária, a crítica das instituições tradicionais do movimento operário. Como Sorel, que coloca a revolução russa mais sob a égide de Proudhon que de Marx, Gramsci exalta a ação dos soviets. Na crônica de 11 de outubro de 1919, Gramsci aproxima os estímulos que Sorel fornecia ao movimento turimense daqueles de Lênin. O controle operário que se exerce nos conselhos de fábrica na Itália, o que se supõe desabrochar nos soviets da Rússia, não é autoprivilégio da liberdade, mas a instância através da qual se torna possível articular a ação negativa (ruptura) com a fundadora de uma sociedade de produtores livres.

Como a maior parte dos seus contemporâneos ocidentais, Sorel e Gramsci idealizam a revolução russa e seus atores. Eles querem ver neles a realização das suas aspirações de autoemancipação proletária, tanto mais convencidos que o distanciamento e a falta de informações sérias encorajam a propensão à cristalização fantasmagórica. Exemplo significativo dessa percepção lendária da revolução russa: o único artigo de Sorel publicado no *Ordine Nuovo* é um panegírico de um Lênin imaginário, apresentado como o messias do proletariado russo⁹.

O período turimense é quando a referência soreliana, combinada com a do sindicalismo revolucionário norteamericano (De Leon bem como os IWW) não pode ser discutida. Está sujeito a isto o elogio de Gramsci, de Togliatti, a condenação da sabotagem em nome da moral dos produtores, reabilitação da violência construtiva, importância da hegemonia da tomada do poder e polêmica contra Bordiga. Robert Paris considera que esses traços representam então os signos de um sorelianismo renascente¹⁰.

Após o congresso de Livorno e a evolução de Gramsci para o bolchevismo, encontra-se até 1922-1923 traços do sorelianismo teórico. As *Teses Sindicais*, de 1922, redigidas em colaboração com Tasca, serão ainda atravessadas por lampejos da fórmula marcada pelo selo do sorelianismo de do deleonismo. Depois, durante o período dito da bolchevização do PCI, a referência a Sorel estará ausente na produção gramsciana.

Após 1927 e durante os dez anos do seu encarceramento, o autor de *Cadernos do Cárcere* expõe sua reflexão teórica num contexto histórico profundamente modificado. O refluxo da onda revolucionária convida o prisioneiro a renovar a análise da via revolucionária nas sociedades ocidentais contemporâneas.

⁹ Trata-se da tradução do artigo de Sorel na *Revue Communiste* de Rappoport (janeiro, 1921). Cf. *Ordine Nuovo*, 27 de fevereiro de 1921. Inicialmente, *Ordine Nuovo* retomara ao pé da letra “Sindicali e soviet” (15 de novembro de 1919), extratos de uma entrevista de Sorel publicada no *Resto del Carlino*.

¹⁰ Cf. Robert Paris, em *Georges Sorel en son temps*, Paris, Seuil, 1985.

O sorelianismo como método e meio é doravante severamente criticado por Gramsci. Suas notas sobre o vínculo que liga dialeticamente o economicismo ao extremismo de esquerda, o antiestatismo ao liberalismo, o idealismo ativista ao voluntarismo, constituem uma autocrítica de algumas das suas escolhas anteriores.

Embora se destacando muito claramente do espontaneísmo e do autonomismo proletário, caros a Sorel, Gramsci não interrompe sua troca intelectual com a obra de Sorel¹¹. Sem dúvida, jamais a influência de Sorel deixa de estar presente, algumas mediatizadas e reapropriadas, como nos *Cadernos do Cárcere*. Influência que caminha subterraneamente, a qual só uma releitura gramsciana de Sorel permite descobrir a ressurgência.

Uma releitura gramsciana de Sorel

No começo dos anos de 1930, a referência a Sorel foi uma tentativa de anexação dele pelo fascismo. Gramsci combate a tese do regime e, ao contrário, convida a uma reavaliação do pensamento autenticamente subversivo de Sorel. Assim, ele reage a partir dos textos de Sorel publicados na Itália, dos quais ele toma conhecimento na prisão e, sublinha com presciência, que eles devem ser decifrados¹²: “É certo que é preciso reestudar Sorel para captar, por baixo das incrustações parasitárias que depositaram sobre seu pensamento admiradores diletantes e intelectuais, o que ela contém de mais essencial e permanente¹³.”

Vários textos importantes dos *Cadernos*, notadamente as *Notes sur Machiavel*¹⁴ testemunham a permanência do diálogo que Gramsci mantém com a obra do sociólogo francês. A relação inicialmente reverencial de Gramsci com Sorel se transforma. Doravante, Gramsci aprecia em Sorel, antes de tudo, “o que dá ou sugere pontos de vista originais, que encontra os vínculos sobre os quais não se pensava, entretanto verdadeiros, que obriga a pensar e a aprofundar.¹⁵”. Sorel, que se sabia condenado “a jamais ser um fundador de escola”, se atribuía precisamente um papel socrático. Em sua

¹¹ Como indica, entre outros, o texto bem conhecido intitulado “Sorel, Proudhon, de Man (1931-1932), p. 289 e seguintes, em *Gramsci dans le texte*, Paris, Éditions Sociales, 1975.

¹² Gramsci dispõe na prisão apenas de alguns textos publicados desde o surgimento do regime fascista e, às vezes, solicitados pelos epígonos de Mussolini: “Ultime meditazione”, “Nuova antológica”, 1º de dezembro de 1928. “Germanismo e storicismo di Ernesto Renan”, *La Critica*, 20 de março de 1931; “l’Europa sotto La tormenta”, Milão, 1932. Assim como a correspondência com Croce, Michels et Lagardelle (*Educazione fascista*).

¹³ *Gramsci dans Le texte*, op. cit., p. 296.

¹⁴ *Ibid.*, p. 418 e seguintes.

¹⁵ *Ibid.*, p. 289 e seguintes.

carta a Daniel Halévy, que serve de prefácio às *Réflexions*, Sorel escreve: “Minha ambição é poder às vezes despertar vocações (...) o evocador é aquele que sacode as cinzas e faz brotar a chama. Não creio me gabar sem razão ao dizer que, às vezes, consegui provocar o espírito de invenção nos leitores; ora, é o espírito de invenção que precisaria, sobretudo, suscitar no mundo¹⁶.” As “intuições”, “as ideias brilhantes” de Sorel (Gramsci), segundo nossa visão, estimularam amplamente o “espírito de invenção” do prisioneiro. Pensamos que elas favoreceram mais que o aporte de Lênin ou a filiação labriolana alguns caminhos conceituais que permitiram a Gramsci formular algumas das suas teses mais inovadoras.

Uma questão de método se coloca então. Sorel, ao longo de sua produção, acumulou o “material de uma teoria do proletariado.” A estrutura da obra de Gramsci, da juventude e da maturidade, é, *volens nolens*, semelhante à de Sorel: um conjunto de material que só uma abordagem sistemática, recorrente, permite traçar os lineamentos de uma teoria da conquista da hegemonia nas sociedades ocidentais. Também é, através da nossa própria releitura – necessariamente datada e subjetiva – de Gramsci que podemos – num mesmo movimento – reencontrar a atualidade das “intuições” sorelianas e estabelecer a filiação, a germinação dessas intuições na obra de Gramsci, mais particularmente nos *Cadernos do Cárcere*.

Vários conceitos centrais do gramscismo (o bloco histórico, o bloco ideológico, a hegemonia e a reforma intelectual e moral) parecem muito – se se acompanha o próprio Gramsci – ter sido suscitados ou confortados pela leitura de Sorel.

Como o conceito de bloco histórico, que Gramsci fixa – injustamente – por duas vezes em seu texto *Benedetto Croce et le matérialisme historique* como “proposto” e “construído” por Sorel¹⁷. Mas se Gramsci atribui injustamente a Sorel a invenção do termo, é que ele “reconhecia” na temática soreliana a unidade do processo da realidade sua problemática da conquista do direito, da ruptura e da constituição do novo bloco.

Sorel formulou claramente a problemática da hegemonia: “Para que dois contrários possam se compor, é necessário que haja na sociedade *uma luta pela conquista de direitos*, uma contestação feita em nome de uma massa considerável por grupos renovadores que se compõem de ideias em oposição às recebidas, que as pretendem fazer passar à prática, que encontram bastante apoio nas forças reais para

¹⁶ *Réflexions sur La violence*, Paris, Rivière, p. 12.

¹⁷ *Gramsci dans Le texte*, op. cit., p. 400 e 409.

alcançar seus fins em algumas medida (...) na atualidade todas as soluções dependem do movimento que se produz na classe operária¹⁸.”

Como Sorel, Gramsci faz da existência de *grupos renovadores* a condição de cristalização da conquista de direitos. Como o autor das *Réflexions*, ele os compara aos primeiros cristãos ou às ordens monásticas da Renascença, mas nele o partido substitui o sindicato: “O Partido Comunista é, no período atual, a única instituição que pode ser cotejada seriamente com as comunidades religiosas do cristianismo primitivo¹⁹.”

A expressão *bloco psicológico* (ideológico) volta várias vezes sob a pena de Sorel. Trata-se de um sistema geral de ideias dominantes, diretamente dependente das divisões de classes. O parentesco dos conceitos de “*bloco psicológico*” e “*bloco ideológico*” não é fortuito. Sorel e Gramsci definem essas noções com os mesmos critérios, os de uma construção robusta, mas dotada de uma plasticidade que se adapta aos diferentes graus de qualidade encontrados na sociedade. No topo, a filosofia, a teologia, a estética no sentido hegeliano, formam a pedra angular que estrutura o edifício. Nos níveis intermediários, intervêm os diferentes sistemas de opiniões recebidas, cuja função consiste em mediatizar as ideologias, assegurar a acomodação às mudanças provocadas pelas transformações econômicas. Os vulgarizadores desempenham papel decisivo a este respeito: “Eles não fazem outra coisa senão introduzir as palavras novas na língua, eles tornam familiar algumas combinações de ideias que acabam por adquirir um caráter social.”, destaca Sorel em *L’Ancienne et La Nouvelle Métaphysique*. Enfim, no nível inferior, a ideologia se profana: o “fundo metafísico”, da humanidade em Sorel – o “folclore” em Gramsci – impregnam a consciência histórica das grandes massas e lhes fornece os instrumentos rudimentares da sua conduta ordinária.

O bloco psicológico não está dado de uma vez para sempre, ele se constrói, se abre, se transforma, se reestrutura continuamente. A assimilação das doutrinas ou das religiões pelo maior número provoca, com efeito, uma lenta resistência ideológica. Os princípios iniciais são progressivamente remodelados pelas massas, transformados pelos contragolpes tectônicos que afetam os alicerces infraestruturais. Sorel lembra que “os discípulos acabam por desaparecer, esquecidos, ou são perseguidos por rebeldes... É uma lei geral da história: uma doutrina apenas pode conquistar o mundo perdendo todo

¹⁸ Préface a Colajanni, *Le Socialisme*, Paris, Giard et Brière, p. X e XI.

¹⁹ Gramsci, *Écrits Politiques*, I, Paris, Gallimard, 1974, p. 394.

vínculo pessoal com seu fundador, (...) a massa adapta a invenção à suas condições de vida, a torna sua e, às vezes, irreconhecível²⁰.”

Para o autor da *Ruine Du Monde Antique*, uma crise revolucionária pode atingir um novo sistema econômico apenas se as classes subalternas alcançarem, antes mesmo da eclosão da crise, se organizar e construir sua própria direção política e ideológica. Tal ação – de ruptura – feita pela burguesia no interior mesmo da sociedade civil feudal, pode se realizar pelo proletariado apenas no exterior do bloco ideológico dominante.

Sorel deduz disso a inutilidade e nocividade do intelectual que vive necessariamente da divisão social do trabalho engendrada pelo capitalismo. Assim se prolonga e se funda, na teoria, a polêmica de Soreliana contra os intelectuais. Sobre esta questão, Gramsci adotará um ponto de vista exatamente ao contrário, mas sua concepção da dissolução concebida como um processo que unifica em um só e mesmo movimento a decomposição do antigo bloco e a composição de um novo, problemática que tem por fundamento seu sistema de hegemonia, é anunciado, pelo menos virtualmente, na obra de Sorel. Encontra-se em particular, neste último, a distinção explícita entre o momento da coerção e o da hegemonia. Eles formam um todo que a filosofia não saberia dissociar, escreve Sorel na *Révolution dreyfusienne*. A revolução não é um golpe casual, uma sorte, ela é uma empresa de fôlego que implica para Sorel, como para Gramsci, a utilização complementar da hegemonia com os grupos auxiliares e aliados e a coerção com os inimigos. Grandes paixões coletivas – o anticlericalismo no período “reformista” de Sorel, o mito da greve geral ou da Rússia soviética em seus períodos “revolucionários” – podem acelerar a eclosão da nova sociedade, com a condição de ser precedida por um trabalho paciente e sistemático de investimentos das instituições existentes, pela eclosão de instituições autônomas.

Em suas *Notes sur Machiavel*, Gramsci refuta a tese da ideologia-mito de Sorel que, estando presa ao sindicato profissional, não pode aceder à compreensão do papel que cumpre o Partido²¹. Mas sua sociologia do aparelho material da ideologia, sua análise da articulação do bloco ideológico com o bloco histórico por intermédio dos intelectuais, sua gradação e sua adaptação aos diversos níveis culturais parecem reforçadas por essas notas ou análises esparsas na obra de Sorel apoiando-se na encarnação social – e material – do bloco “psicológico”.

²⁰ « Sociologie de suggestion », *Devenir Social*, n. ° 8 e 9, 1897, p. 466.

²¹ *Gramsci dans Le texte*, op. cit., p. 418-423.

Esse bloco psicológico é um meio materializado no qual o pessoal da superestrutura é hierarquizado segundo o modelo de um exército. A democracia burguesa, em sua luta contra a Igreja, adota um tipo de estruturação e de mediação sociocultural semelhante àquele do seu adversário. “A democracia repousa sobre uma sólida hierarquia, é preciso à oligarquia dos grandes arrivistas um grupo ardoroso de baixos funcionários que não cessam de trabalhar no interesse dos seus chefes e que retira pouco do lucro material da sua atividade²².”

Os filósofos, os teólogos, os juristas (os grandes intelectuais de Gramsci) definem os interesses gerais da classe; eles formam o que Hegel chamava Estado pensante, isto é, o conjunto de homens que, emancipados da produção, têm por função legitimar, na teoria, a divisão social do trabalho. Sorel coloca nos escalões intermediários do “bloco psicológico”, os vulgarizadores, os literatos, os professores, os jornalistas e, de uma maneira geral, todos aqueles que contribuem para forjar o que não se chamava ainda consenso. Igualmente, eles transmitem aos funcionários subalternos, por exemplo, aos professores primários, uma ideologia simplificada e operatória. Estes últimos enquadram as grandes massas, socializam-nas, educam-nas na perspectiva da sua integração às normas da ideologia dominante.

Os caixeiros da superestrutura utilizam os instrumentos técnicos de difusão da ideologia. O sistema educativo atrai particularmente a atenção de Sorel. A luta que a Igreja e o Estado travam para assegurar o controle das consciências chega então a seu ponto culminante. Em sua brochura *Église et l'État*, Sorel mostra como a doutrina laica – o cientificismo histórico, anticlerical – penetra, graças aos professores primários, na menor vila para tentar agregar as diferentes camadas populares, em particular o campesinato, à classe fundamental. Os meios de informação, principalmente a grande imprensa, representam o segundo veículo material de transmissão/assimilação da ideologia dominante.

Também quando Gramsci esboça, por exemplo, uma ideologia do “bloco religioso católico”, o leitor de Sorel não tem dificuldade alguma de encontrar vários resumos sugestivos que o autor multiplicou ao longo de seus numerosos escritos consagrados à história da religião.

Da *Ruine Du monde antique à Religione de oggi*, que Gramsci leu, sem dúvida, Sorel descreve o catolicismo como um bloco cujos elementos seriam presos por “elos de

²² *Illusions...op. cit.* p. 265.

ferro”. Sua força reside na capacidade de impor uma certa *Weltanschauung* universalmente aceita. “Escola de teologia e órgão de polícia religiosa”, a Igreja usa a coerção se entrincheirando por trás da autoridade pontifícia, potência ao mesmo tempo sobrenatural e civil que reina tanto sobre a fé como sobre os costumes. Ela cuida para impedir a formação de dois cultos, um destinado ao povo, outro às elites. Ela soube preservar a unidade teológica através de uma lenta evolução dos dogmas, enfim, ela moldou sabiamente os contornos do terreno social, se adaptando às agitações políticas, ligando seu destino às classes dominantes. Na *Introduction à l'étude de la philosophie*, Gramsci sistematiza em algumas páginas a sociologia do catolicismo de Sorel sem que se possa desprezar as mediações e os acasos (empréstimos assimilados, osmose, coincidências) que o levam a “expressar” a lógica de um pensamento que recusava toda sistematização²³.

Ele continua da mesma maneira com o conceito de reforma intelectual e moral, que Sorel havia emprestado de Renan. A visão soreliana da revolução, “obra grave, temível e sublime”, que postula uma reavaliação nietzscheana de todos os valores e a emergência de um novo sistema de referências culturais e morais é prolongada e desenvolvida por Gramsci. “Sorel afirmou (em uma carta a Missiroli) que frequentemente os grandes movimentos históricos são representados por uma cultura moderna, etc. Tal concepção (de reforma intelectual e moral) está, creio, implícita em Sorel quando ele se serve do cristianismo primitivo como termo de comparação, completamente encoberta na literatura, é verdade, mas às vezes com mais de um grão de verdade, com referências mecânicas e, frequentemente, artificiosas; no entanto, sem que chamusque o brilho de uma intuição profunda²⁴.”

A batalha das ideias, o combate nas instituições que secretam as ideologias e as contra-ideologias constituem, portanto, um terreno decisivo da luta de classes. É aí onde Gramsci inverte a problemática soreliana: os intelectuais devem ser utilizados pela classe operária para iniciar e dirigir uma nova demanda cultural. Essa inversão se explica pela diferença de apreciação da função do Partido, organismo distinto e parasitário da classe, para Sorel, germe da classe, para Gramsci. Mas, paradoxalmente, o elitismo sindicalista do primeiro e o maquiavelismo do Partido-príncipe do segundo se juntam: um e outro contam para a capacidade renovadora das minorias conscientes da sua missão pedagógica e cultural para dar à luz a história da nova civilização.

²³ Gramsci dans *Le texte*, op. cit., p. 138-139.

²⁴ *Ibid.*, p. 259.